

Mais uma suspeita

MARIA FERRI

DA EQUIPE DO CORREIO

De um mal-estar repentino a uma morte rápida. A dona de casa Severina Herculano da Silva, 66 anos, começou a sentir dores no corpo na última quarta-feira. Foi internada no domingo. E morreu na madrugada de ontem no Hospital de Base com sintomas da hantavirose. Ela morava em São Sebastião, área mais atingida pelo surto da doença até agora, onde quatro pessoas já morreram.

A Secretaria de Saúde e a direção do Hospital de Base tratam o caso de forma distinta. Os técnicos do governo sustentam que ainda é prematuro considerar a morte de Severina como suspeita de hantavirose, apesar da unidade hospitalar — escolhida como pólo de atendimento dos casos graves da doença — ter retirado amos-

tras de sangue e vísceras da vítima. De acordo com a direção do hospital, o material será analisado no Instituto Adolfo Lutz, em São Paulo, onde estão sendo realizados os exames para diagnosticar a hantavirose.

Severina deu entrada na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) com febre, dores no corpo, vômitos e diarreia. De acordo com o diretor do Hospital de Base, José Carlos Quinaglia, antes de morrer, a paciente foi avaliada por uma equipe que inclui epidemiologistas e infectologistas. "Os médicos decidiram pela necropsia porque ela morava numa área de risco da hantavirose e tinha os principais sintomas da doença", garante. A necropsia, autorizada pela família, foi realizada ainda na manhã de ontem.

Protocolo

O material recolhido foi levado para o Laboratório Central do

SEVERINA HERCULANO DA SILVA, 66 ANOS

Reprodução/Daniel Alves



- Morava na Vila Nova, em São Sebastião
- Começou a sentir dores musculares na quarta-feira.
- Na madrugada de sábado, ela não andava mais.
- Levada para o Hospital Regional do Paranoá, a paciente foi medicada e voltou para casa.
- Piorou na noite de domingo e foi transferida para o Hospital de Base.
- Morreu às 5h de ontem.

GDF, para ser encaminhado a São Paulo. Entretanto, a diretora da Vigilância Epidemiológica da Secretaria de Saúde, Disney Antezana, sustenta que o caso foge do protocolo de investigação.

"Não foi falha do hospital. Na dúvida é melhor recolher o material para análise. Nesse caso, não será aproveitado porque ela não foi exposta ao meio rural e tinha outros problemas de

saúde", limitou-se a dizer.

A filha mais velha de Severina, Maria Pereira da Silva, 42, ficou impressionada com a evolução da doença. Segundo ela, a mãe nunca tinha apresentado sintomas parecidos. Ela disse que Severina teve câncer de mama há três anos, mas retirou o seio doente. Em 2003, ficou internada por apresentar inchaço no coração. "Tinha sido a última vez que ela precisou de médico", garante a filha.

Vila Nova

Severina começou a sentir fortes dores musculares por todo o corpo na última quarta-feira. Na madrugada de sábado, ela não andava mais. Levada para o Hospital Regional do Paranoá (HRP), a dona de casa foi examinada e medicada. "Os médicos deram para minha mãe remédio para dor e a mandaram descansar em casa", relatou Maria Silva. Ainda no sábado, ela passou a

ter febre, vômitos e diarreia.

No dia seguinte, a família levou a mulher logo cedo para o HRP. De lá, foi transferida para o Hospital de Base. Severina deu entrada na UTI pouco depois das 23h30. Morreu às 5h de ontem. A família soube da morte às 6h30. E teve de decidir se autorizava ou não a necropsia. "É um momento doloroso. Os médicos me disseram que ela era um caso suspeito de hantavirose e tinham que abrir o corpo da minha mãe para tirar material. Tive que aceitar, pois queria saber do que ela morreu."

A paraibana, desde 1977 no DF, morava com a família na rua 4, da Vila Nova, em São Sebastião. Severina dividia o lote com o marido e quatro de seus 12 filhos — oito homens e quatro mulheres. Tinha ainda 22 netos e uma bisneta. Segundo a família, ela não costumava passear pela área rural. Na casa dela, a filha diz que apareciam ratos.